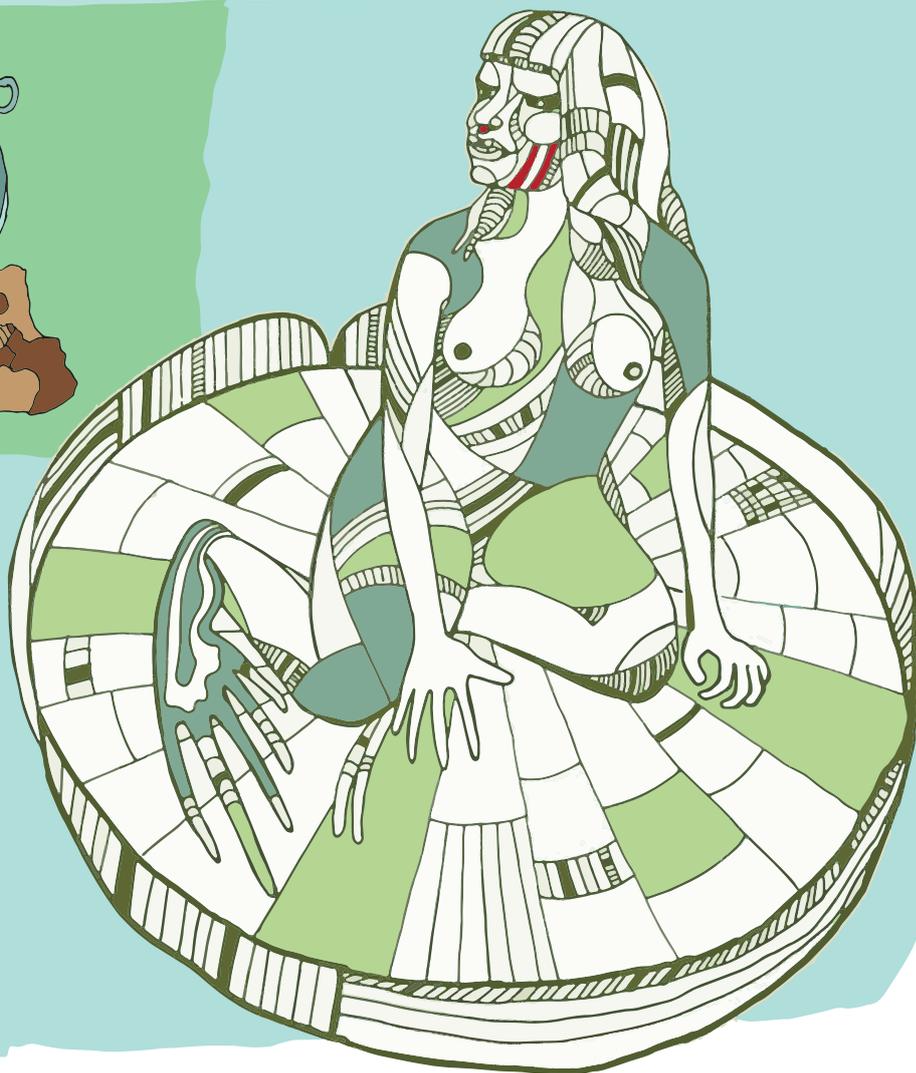


Sessões Educativas

com roteiros de orientações pedagógicas



Reinilda de Oliveira Santos

Apresentação das sessões educativas para os professores

As cinco sessões educativas sobre as religiões afro-maranhenses, acompanhadas de seus respectivos roteiros de orientações pedagógicas, que compõem a Aba Educativo do site do Museu Afro Digital do Maranhão, são resultado da pesquisa *“O AFRO-RELIGIOSO NO MUSEU: aba Educativo do Museu Afrodigital do Maranhão como instrumento para uma educação antirracista e humanista*, desenvolvida pela pesquisadora Reinilda de Oliveira Santos, no doutorado profissional do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual do Maranhão, de 2021 a 2025.

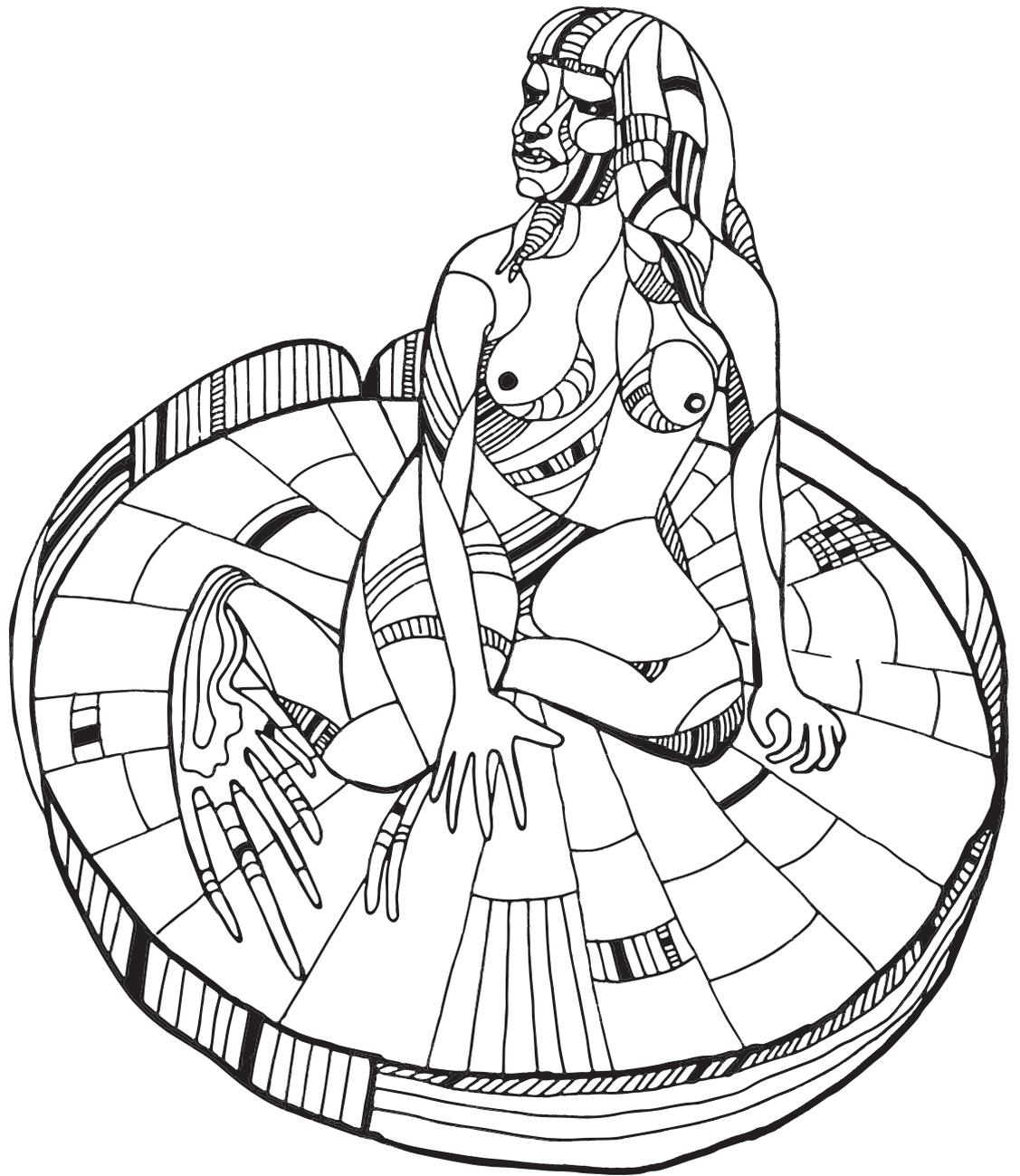
O universo religioso afro-brasileiro é um complexo, cheio de nuances, vicissitudes, sutilezas, sabedorias e segredos ancestrais. A exuberância estética e cultural destas manifestações será mostrada através das sessões educativas, que são destinadas a professores e professoras da educação básica, pesquisadores e membros das religiões afro.

Além disso, as religiões de matrizes africanas possibilitam diversas formas de aprendizado, através da oralidade, do resgate da memória, das maneiras de inventar e ler as experiências sociais. E por isso, esse universo é pensado não só como religião, mas também como cultura, estrutura familiar e modo de ver o mundo. As sessões foram elaboradas tendo como fundamento primordial a relação de pertencimento dos sujeitos representados e levando em consideração a polissemia e delicadeza do tema, com o intuito de evitar reforçar estereótipos.

A elaboração desse produto educacional tem por perspectiva valorizar o universo afro-religioso e promover o reconhecimento dos equívocos históricos que culminam no apagamento das concepções afro-religiosas ou mesmo nos julgamentos e exclusões de qualquer conhecimento sobre elas, o que se reflete também no chão da escola, espaço onde a diversidade precisa ser estudada e observada criticamente.

A antropóloga maranhense Mundicarmo Ferretti (2008) aponta que o termo religião afro-brasileira designa uma pluralidade de manifestações religiosas, organizadas bem antes da abolição por africanos e seus descendentes. Nessas manifestações, são cultuadas e entram em transe as entidades espirituais das nações jêje, nagô e bantos, respectivamente, os voduns, orixás e inquices. O transe com essas entidades ocorre normalmente em rituais realizados com tambores e cânticos nos terreiros, também chamados de casas de culto.

São muitas as definições usadas para as religiões afro-brasileiras: religiões de matrizes africanas, religiões tradicionais africanas, religiões afrodescendentes, religiões negras, religiões africanas no Brasil ou religiões de divindades. Entretanto,



quando pensamos em religiões afro-brasileiras, de imediato associamos aos orixás, cultuados no candomblé, e mais conhecidos no domínio público. Com efeito, existe uma variedade de religiões afro que se diferem pelos nomes, rituais, territórios e influências, que muitas vezes são vistas de forma homogênea e chamadas genericamente de macumba¹, sobretudo, por quem não entende muito do assunto.

O Candomblé ganhou contornos nítidos na Bahia, mas se difundiu para outras regiões do país. Nele cultuam-se os orixás, que são entidades que representam a energia e a força da natureza. Os ritos do candomblé são normalmente agrupados em “nações”, sendo a mais conhecida e disseminada a nação queto. Juntamente com outras nações como, ijexá, nagô e mina-nagô, ela pertence ao tronco conhecido como iorubá, com origens no continente africano, localizadas em partes da Nigéria e do Benim. Alguns autores são referências quando falamos do assunto, a exemplo de Pierre Verger, Edison Carneiro, Juana Elbein dos Santos, Luís Nicolau Parés, Luis Antonio Simas e Luiz Rufino.

O Tambor de Mina, vertente comum no Maranhão, é também praticado na região amazônica, em especial no Pará. Em São Luís, tem-se como referência dois terreiros, cujas origens remontam ao século XIX - Casa das Minas, Querebentã de Zomadonu, e Casa de Nagô, Nagô Abioton. Essas casas são entendidas em duas linhas principais - Jêje e Nagô -, sendo a maioria dos terreiros praticante do modelo da Casa de Nagô. Contudo, as definições isoladas não abarcam as inúmeras práticas do estado do Maranhão, cuja extensão territorial abrange 217 municípios.

Em numerosos municípios maranhenses, as práticas afro-religiosas podem ser chamadas de *Umbanda, Macumba, Badé, Berequete, Verequete, Pajelança, Jirunga, Panguara, Encantaria de Barba Soêra, Barba Soêra, Nagô, Iemanjá, Baía, Terecô, Bazunga, Fitê, Pajé, Cura, Brinquedo de Santa Bárbara, Tambor da Mata, Brinquedo de Cura* ou simplesmente *Brinquedo*, confirmando que a linha que divide essa diversidade é muito tênue. Mais informações podem ser encontradas no tópico 3.1.1 (Diversidade afro-religiosa do Maranhão) da tese que gerou este produto educacional. No entanto, temos como principais referências sobre a temática, os antropólogos Sérgio e Mundicarmo Ferretti.

Há outras concepções afro-religiosas no país, a exemplo do Xangô praticado em Alagoas e, sobretudo, em Pernambuco, sendo o Sítio de Pai Adão, em Recife, como terreiro de referência. É uma vertente que homenageia o orixá Xangô e outros

¹ De acordo com Berkenbrock (1998) o termo está associado à vertente religiosa de origem afro no Rio de Janeiro, e, embora seja utilizada de forma pejorativa por pessoas que não são membros das religiões afro-brasileiras, é uma referência comumente utilizada por membros de terreiros, sobretudo no interior do estado, para designar as festas ou um instrumento musical. É interessante destacar que, na maioria das vezes, os membros desconhecem os termos “acadêmicos”, “cientificizados” e, devido a isso, macumba acaba abarcando as diversas vertentes.



deuses, santos e orixás da cultura iorubá, com forte presença do jogo dos búzios, assim como no candomblé. É conhecido também por Xangô do Recife, Xangô do Nordeste e Nagô Ebá e é organizado em famílias de santos. Sobre o Xangô, temos como sugestão de pesquisadores Roberto Motta, Reginaldo Prandi e Raul Lody.

No Rio Grande do Sul, temos o Batuque, também conhecido como nação e, assim como no Candomblé, cultua os orixás e possui divisões conhecidas como nações (Ijexá, Oió, Jêje-Nagô e Cabinda), que representam diferentes linhagens e tradições africanas. Apesar de semelhantes, o Batuque se diferencia do Candomblé e do Xangô por aspectos litúrgicos, como a estrutura dos rituais, a forma de incorporação dos orixás e outras práticas específicas. Alguns autores com pesquisas sobre o tema são Norton Figueiredo Corrêa, Reginaldo Gil Braga e Luiza Spinelli Pinto Wolff.

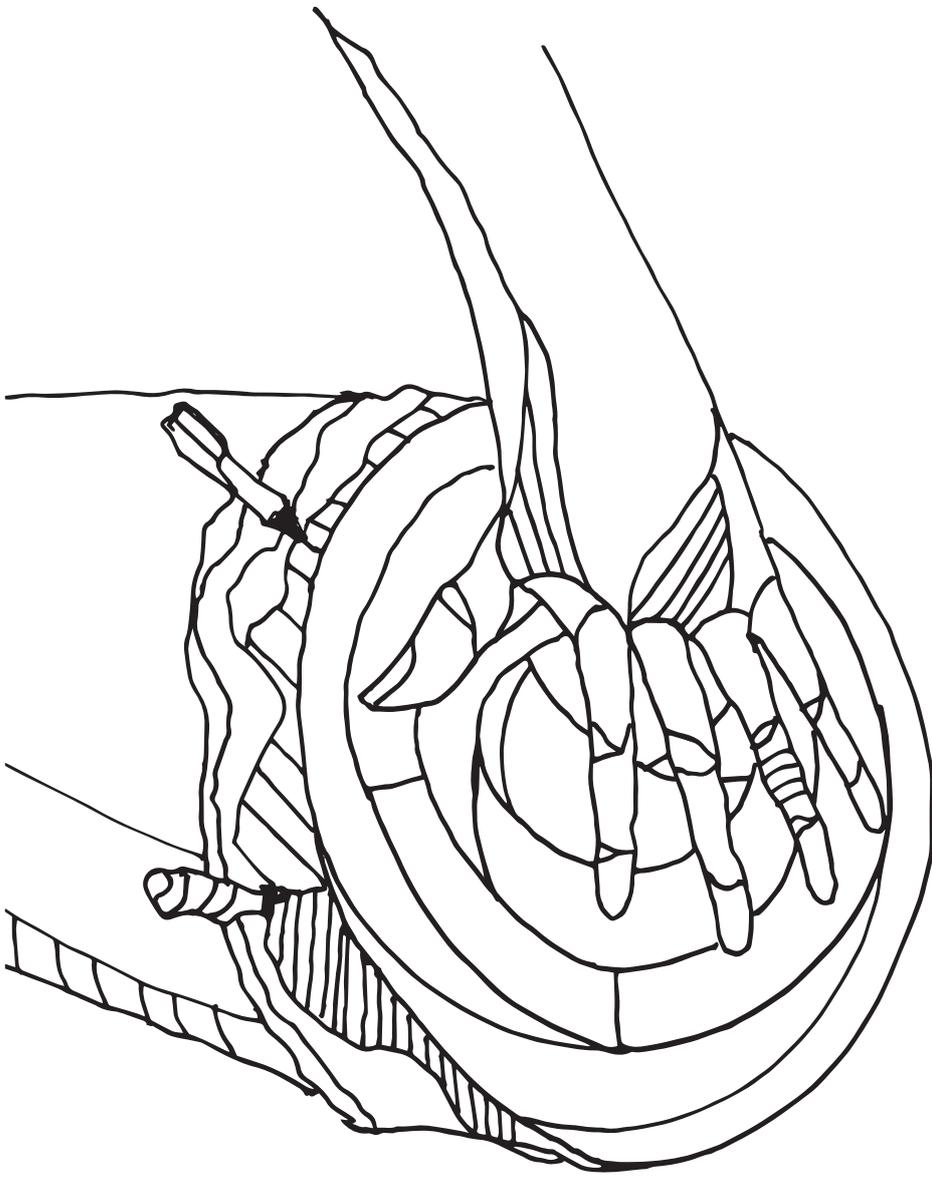
No Rio de Janeiro, embora se pratique o Candomblé, a Umbanda ganhou muita força, sendo uma vertente afro-religiosa fortemente influenciada pelo espiritismo kardecista e genuinamente brasileira. Ela é fruto do sincretismo entre catolicismo popular, kardecismo, concepções religiosas indígenas e africanas, e cultua orixás, entidades como Caboclos e Pretos Velhos, além de guias espirituais. Autores que pesquisam a Umbanda são Reginaldo Prandi, Bruno Reis, Diana Marrom, Rubens Saraceni.

Vale lembrar que no Maranhão muitos terreiros se denominam Umbanda, em decorrência da Federação de Umbanda, que foi criada na década de 1960, e que todas as casas de culto precisam se filiar para poder se legalizar.

Diante do exposto, o objetivo das sessões é apresentar um pouco do imenso e complexo universo das religiões afro-maranhenses. A escolha das temáticas de cada sessão se deu em decorrência de sua relevância dentro dos terreiros e também por acreditar que são temas esclarecedores, que nos permite mergulhar na dinâmica de organização, desenvolvimento dos rituais e entendimentos sobre as características das entidades.

A primeira sessão, intitulada *Vestindo o santo*, aborda as indumentárias rituais, em suas formas, cores e fundamentos que estão relacionadas aos gostos, modos de agir, viver e sentir coletivos. Elas são muito variadas, se relacionam com a idade e o sexo das entidades e identificam as famílias espirituais, a exemplo dos pretos velhos que costumam usar preto e branco, as entidades de rua que usam preto e vermelho, o povo das águas que veste, em destaque, o azul. Além do mais, os trajes utilizados nos terreiros do Maranhão possuem peculiaridades de acordo com as diferentes vertentes afro-religiosas e vestir o santo ou vestir-se para o santo é uma das etapas mais relevantes nos rituais de terreiros.

As comidas ritualísticas da sessão *Comida de Santo* foram escolhidas pela diversidade, modos de preparo e, principalmente, por sua raridade. Elas são mais do



que simples preparações culinárias; são rituais sagrados que conectam os adeptos às entidades e à ancestralidade. Cada ingrediente, cada modo de preparo, carrega consigo simbolismos que remetem à espiritualidade e à preservação da fé. Além do mais, as comidas são feitas de acordo com as circunstâncias, gostos, restrições, proibições ou celebrações do terreiro ou das entidades para as quais são ofertadas.

A sessão *Símbolo de terreiro* traz defumador, cruzeiro, velas, pontos de assentamento, imagens/vultos e altares/santidade, elementos imprescindíveis e conectados à vivência no terreiro. Por exemplo, quando o povo de santo chega no salão, mensuram os pontos de assentamento e o altar, utilizam o defumador na abertura do tambor, quando muda a corrente, para circundar os curandeiros, os tambores e o pé do altar. Além do mais, o cruzeiro é um dos principais pontos de força da casa.

As *Moradas de Encantados*, apresentadas na sessão quatro, foram escolhidas por serem pontos de força, locais em que a entidade se encantou e passou para o lado espiritual. No texto, traremos mitos, estórias e localidades em uma geografia cuja existência pode ser real, como a pedra de Itacolomi, a ilha dos Lençóis e ilha dos Caranguejos ou fixada no imaginário popular, a exemplo do reino de Camundá e lagoa do Pajeleiro. Além disso, essas moradas podem estar relacionadas a um tempo específico, como a morada do Rei Sebastião.

A última sessão, *Instrumentos e cantos sagrados*, explora o universo das doutrinas e dos instrumentos que dão cadência aos rituais afro-religiosos. Nos terreiros maranhenses utilizam-se o abatá, o tambor da mata e cabaças, no entanto, muitos outros instrumentos musicais podem fazer parte do conjunto, a exemplo, do pandeiro/adufe, borá saxofone, sanfona, triângulo, agogô, matraca, maracá, tarol, pífano/pife, taboca, ganzá e recursos (assobios, imitação de pássaros, garrafas, folhas de flandres, caixa). E a combinação do som desses instrumentos com as doutrinas cantadas, estabelece a conexão com o sagrado.

Cada sessão possui um roteiro com orientações direcionadas a professores do Ensino Médio que sugere um diálogo com os objetos do conhecimento propostos nos livros didáticos e no Caderno de Orientações Curriculares para o Ensino Médio da Rede Estadual do Maranhão (COPEM), nas aulas de história e em ações interdisciplinares na escola.

O roteiro traz o passo a passo de como utilizar o material na sala de aula, começando com o tema, a série a qual ela se destina, o tempo de duração da aula de história e sugestão de atividades interdisciplinares, com indicação de disciplinas afins; possui também palavras-chave, aprendizagens e objetivo da sessão; metodologias de ensino, recursos didáticos e tecnológicos, referências; competência e habilidades da BNCC e do COPEM, além de uma habilidade sugerida.



Na metodologia de ensino a orientação é que o professor divida as aulas em três (3) momentos, começando com a sala de aula invertida, em que os alunos terão acesso a materiais, como exposições fotográficas, acervos de museu, músicas, vídeos do Youtube, blogs. A 1ª aula - Exploração Teórica, pede que o professor faça a contextualização da temática com a introdução da sessão utilizada. Sugere-se também que ele comece a aula a partir do que os alunos sabem sobre o tema e que, depois, divida a sala em grupos para leitura dos tópicos presentes na sessão.

Na 2ª aula - Atividade Prática/Avaliativa, a orientação é que se faça a discussão da temática, estimulando o debate e a troca de ideias entre os alunos, a partir de reflexão crítica sobre a diversidade religiosa e cultural. Após a sessão e que finalize com apresentação dos grupos, em que cada grupo realiza uma breve exposição sobre os elementos presentes nos tópicos da sessão, destacando sua importância cultural e religiosa e a relação com sua vivência.

Espera-se que os professores possam inserir conteúdos referentes ao universo afro-religioso do Maranhão nas salas de aula, a fim de ampliar os conhecimentos, mas também de contribuir para a construção de identidades e para o exercício da cidadania, uma vez que compreender e respeitar elementos desse universo é essencial para promover a inclusão e combater o racismo religioso.

Além disso, ao incorporar elementos afros no processo de ensino-aprendizagem, os educadores proporcionam aos estudantes uma visão ampliada do patrimônio cultural e religioso brasileiro, contribuindo para a formação de cidadãos críticos, capazes de valorizar e respeitar a diversidade em todas as suas manifestações. Além do mais, a partir da sessão o professor pode propiciar aos estudantes o fomento ao respeito à Liberdade Religiosa, pois ao compreender as práticas religiosas diversas, os alunos são incentivados a respeitar a diversidade religiosa, reconhecendo que a pluralidade de crenças é um direito fundamental e isso reflete na sociedade, à medida que propicia atitudes mais inclusivas.

